

ABANDONO, SUBMISSÃO E VIOLÊNCIA: A DESMISTIFICAÇÃO DO AMOR NO ROMANCE DE HELENA TERRA

DOI: 10.48075/ri.v24i1.27563

Danieli Cássia dos Santos¹
Wilma dos Santos Coqueiro²

RESUMO: O objetivo desse trabalho é analisar a fragilidade das relações afetivas contemporâneas, a partir da trajetória da protagonista do romance *A condição indestrutível de ter sido*, de Helena Terra (2013). Busca-se também refletir como o ambiente cibernético corrobora para o sentimento de frustração que assola a personagem, que investe demasiada expectativa no amante, o qual se revela volúvel e opressor. Dessa forma, a obra apresenta uma figura feminina que reprime suas emoções para satisfazer os padrões sociais e tenta buscar no “outro” a satisfação dos seus anseios sentimentais; por consequência, desmistifica o ideal do amor romântico ocidental. A pesquisa embasa-se em estudos advindos dos Estudos Culturais como de, entre outros, Bauman (2004), Cevasco (2019) e Zolin (2019).

Palavras-chave: Romance de autoria feminina, Helena Terra, relações virtuais líquidas.

ABANDONMENT, SUBMISSION AND VIOLENCE: THE DEMYSTIFICATION OF LOVE IN HELENA TERRA’S NOVEL

ABSTRACT: The aim of this work is to analyze the fragility of contemporary affective relationships, from the trajectory of the protagonist of the novel *A condição indestrutível de ter sido*, by Helena Terra (2013). Thus, it seeks to reflect on how the cybernetic environment corroborates the feeling of frustration that plagues the character, who invests too much expectation in the lover, who reveals to be fickle and oppressive. Thus, the novel presents a female figure who represses her emotions to satisfy social standards and tries to seek in the “other” the satisfaction of her sentimental longings; consequently, it demystifies the ideal of western romantic love. The research is based on studies from Cultural Studies such as, among others, Bauman (2004), Cevasco (2019) and Zolin (2019).

¹Universidade Estadual do Paraná/ Campus de Campo Mourão, Graduanda em Letras. Bolsista de PIBIC/CNPq, período de 2020-2021. E-mail danielicassiasantos@gmail.com

²Universidade Estadual do Paraná/ campus de Campo Mourão, Doutora em Letras. Docente adjunta do Colegiado de Letras, nas áreas de Literaturas de Língua Portuguesa e Prática de Ensino. E-mail. wilmacoqueiro@unespar.edu.br

Key Words: Female authorship novel, Helena Terra, liquid virtual relationships.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DO CÂNONE LITERÁRIO E DA EMERGÊNCIA DA FICÇÃO DE AUTORIA FEMININA

Este artigo apresenta uma reflexão acerca do romance *A Condição Indestrutível de ter sido*, de Helena Terra, publicado em 2013, tendo como foco a intrínseca relação entre o cenário virtual e a naturalização e o condicionamento da figura feminina submissa e rejeitada. No decorrer desse percurso, será apresentada uma breve discussão sobre o cânone literário e o modo como produções de grupos marginalizados foram excluídas ao longo da história literária, além de abordar como no romance ocorre uma desmistificação do mito do amor romântico, desenvolvido no ocidente, a partir do século XII, com a poesia trovadoresca. A literatura de autoria feminina, em sua trajetória na história literária, por muitos séculos, foi excluída e menosprezada, assim deixando de receber a relevância merecida, pois o que se considerava “Alta Literatura” era relacionada apenas aos escritores canônicos, os quais, segundo Zolin (2019), eram compostos por homens brancos, ocidentais e de classe média/alta. Dessa forma, o cânone literário consistiu na propagação de ideais de grupos seletos ao longo dos séculos, uma vez que “a própria noção de literatura é ideológica, estando inextricavelmente ligada à questão do poder” (REIS, 1992, p. 71). Assim sendo, pode-se inferir que a literatura de autoria feminina tem sido fortemente prejudicada por compor o que se caracteriza como “literatura de minorias” (negros, homossexuais, mulheres) e, por isso, não conseguiu galgar espaço entre a cúpula de obras consagradas (CEVASCO, 2019).

Nesse sentido, Reis (1992) contrapõe-se à afirmação do crítico americano Harold Bloom (2001) que apresenta uma postura tradicional a respeito da manutenção do cânone, afirmando que “o cânone é de fato um metro de vitalidade, uma medida que tenta mapear o imensurável” (BLOOM, 2001, p. 46), ao propor que o cânone deve ser problematizado. De acordo com o crítico brasileiro, “o que se pretende, ao se questionar o processo de canonização de obras literárias é, em última instância, colocar em xeque os mecanismos de poder a ele subjacentes” (REIS, 1992, p. 68).

De fato, esses mecanismos de poder têm construído uma historiografia literária brasileira que excluiu, deliberadamente, mulheres e negros do rol de autores pertencentes à tradição literária. No que se refere, em especial, à literatura de autoria feminina, verifica-se que, sobretudo no século XIX, houve grandes escritoras que não conseguiram reconhecimento por

suas obras, até mesmo pelas dificuldades de publicação das mesmas. Algumas como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), apesar de ter publicado romances importantes, como *A intrusa* (1908), além de peças de teatro, novelas e contos, e apesar de integrar o grupo de intelectuais que idealizaram a criação da Academia Brasileira de Letras, foi excluída da participação na entidade por ser mulher, entrando no seu lugar, como uma espécie de “prêmio de consolação”, seu marido Filinto de Almeida. Outras, como Maria Firmina dos Reis, considerada precursora do romance de cariz abolicionista no Brasil, *Úrsula* (1859), não pode assinar sua autoria, publicando-o sob o pseudônimo de “uma maranhense”. A obra que desconstrói a visão eurocêntrica e estereotipada do negro, trazendo a sua humanidade para a ficção, só teve uma segunda edição em 1975, colocando a autora maranhense como um dos grandes nomes da ficção romântica brasileira.

No século XX, a partir das publicações inovadoras de autoras como Clarice Lispector e Rachel de Queiroz – que conseguiu prêmios importantes, sendo a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras (1977) e a angariar o Prêmio Camões (1993) – a ficção feminina passa por um processo de reconhecimento do público e da crítica. Segundo Zolin (2019), na esteira de Clarice surgiram escritoras que conseguiram amplo reconhecimento de suas obras e lugar no mercado editorial brasileiro, como, entre tantas, Nélida Pinon e Lygia Fagundes Telles.

As trajetórias dessas autoras ímpares dos séculos XIX e XX reverberam no fato de as escritoras de autoria feminina deste século XXI terem conseguido uma maior visibilidade em suas produções. Isso se deve, também, ao amplo desenvolvimento dos Estudos Culturais – que emergiram na crítica literária a partir da década de 60 do século passado e têm ganhado cada vez mais espaço nos estudos acadêmicos – que contribuem para que os estudos literários sejam vinculados a questões históricas, ideológicas e culturais, considerando os aspectos sociais tanto do público leitor como de quem produz esses escritos. A partir das reflexões propostas por essa vertente crítica, a própria ideia de cânone passa a ser revista, uma vez que o mesmo

[...] é rediscutido e expandido com a redescoberta de obras antes relegadas ao esquecimento escritas por mulheres, negros, homossexuais e outros. Nesse aspecto, os estudos culturais se intersectam com os estudos feministas, os pós-coloniais e os da literatura negra (CEVASCO, 2019, p.323).

Nesse sentido, evidencia-se o fato de que a “canonização não pode ser isolada dos interesses dos grupos que foram responsáveis por sua constituição e, no fundo, o cânon reflete estes interesses e valores de classe” (REIS,1992, p.77). Dessa forma, faz-se necessário ampliar os vieses das literaturas das “minorias”, para que essa constituição do cânon seja uma representação destas e não apenas reflexo de classes seletas.

Assim sendo, para isso, pretende-se, nesta pesquisa, tornar audível a voz feminina no círculo literário, uma vez que, como afirma Reis (1992), não basta canalizar obras pertencentes às “minorias”, é preciso refletir a respeito da relevância da existência dos cânones e da maneira como eles são reproduzidos. Dessa forma, a disseminação de obras de autoria feminina, assim como as demais literaturas periféricas, é indispensável para a construção de uma literatura que reflita, de forma crítica, as várias parcelas que compõem a sociedade.

A DESCONSTRUÇÃO DO MITO DO AMOR ROMÂNTICO E A INSTANTANEIDADE DAS RELAÇÕES VIRTUAIS NO ROMANCE DE HELENA TERRA

As relações afetivas têm sofrido mutações ao longo do tempo. A cultura ocidental – profundamente enraizada na cultura trovadoresca desenvolvida no sul da França e na Península Ibérica, em fins do século XII – criou o “mito do amor romântico”, que associa a felicidade ao ideal de duas pessoas heterossexuais vivenciarem uma história de amor. De acordo com Denis de Rougemont (2003), em *História do amor no ocidente*, a poesia europeia tem suas raízes nas cantigas trovadorescas, que exaltavam o amor infeliz, à margem do casamento. Para o autor, esse amor pressupõe um ritual de vassalagem amorosa e é regulado pelas “leis da *cortezia*” que envolvem o segredo, a paciência e a moderação. Ainda segundo Rougemont:

Não há exagero em sublinhar o caráter miraculoso desse duplo nascimento tão rápido: num período de vinte anos, nascimento de uma nova visão da mulher inteiramente contrária aos costumes tradicionais – a mulher como elevada *acima do homem*, tornando-se seu ideal nostálgico – e nascimento de uma poesia de formas fixas, bastante complexas e requintadas, sem precedentes em toda Antiguidade, inclusive nos poucos séculos de cultura romântica, posteriores ao renascimento carolíngio. (ROUGEMONT, 2003, p. 101-2).

A psicóloga e terapeuta de casal Malvina Muszkat (1992), por um outro viés, avalia essa expressão idealizada de amor, “que se expressava nas práticas gentis e cavalheirescas de um jovem para uma dama, a quem ele amava até a exaltação” (MUSZKAT, 1992, p. 93),

como uma representação da “nítida contradição à fria relação de desigualdade, existente então entre os cônjuges, numa sociedade feudal onde as mulheres eram ao mesmo tempo temidas ou desprezadas, mas nunca amadas e respeitadas” (MUSZKAT, 1992, p. 93).

O fato é que, mesmo se contrapondo a uma realidade que oprimia as mulheres, o mito do amor romântico acabou por sobreviver e encontrar na ficção romântica do século XIX uma possibilidade de efetivação, por meio dos enlaces matrimoniais por amor que, não raras vezes, levavam a um “happy ending”. Acerca da literatura do século XIX, a professora Maria Ângela D’Incao explica que, nesse período, conforme os valores difundidos na civilização ocidental, são importantes três características do Romantismo que vão influir na vivência do amor romântico no Brasil: “o advento do individualismo, a possibilidade da constituição do casamento por livre escolha, por meio do amor romântico como precondição, e o cultivo das maneiras civilizadas”³ (D’INCAO, 1992, p. 58). Já nos anos de 1940, filmes clássicos de Hollywood, como *The Philadelphia Story* (1940) e *Casablanca* (1942), colocariam o amor romântico em um outro patamar, povoando as mentalidades de época e encontrando adeptos ainda hoje. Nesse sentido, o amor, como mais uma construção social, passa por diferentes formas a cada período.

Para Muszkat, mesmo nessa época de profundas transformações⁴ persiste a busca de um “ideal romântico de amor, que supõe níveis profundos de intimidade, compreensão, complementação” e que, na verdade, acaba apenas “camuflando desejos mal confessados de proteção, segurança e permanência” (MUSZKAT, 1992, p. 88).

A psicanalista Regina Navarro Lins – autora da obra *Amor na vitrine: Um olhar sobre as relações amorosas contemporâneas*, publicado em 2020 – em entrevista ao blog *Fausto*, em 2018, explica que a busca da preservação da individualidade na época atual entra em colisão com o ideal de amor romântico, o qual implica na ideia de fusão com o outro. De acordo com ela, “o amor romântico prega a fusão, os dois se transformam em um. Já o anseio contemporâneo é o oposto, é a busca da individualidade. O amor romântico saindo de cena, como tem dados sinais, leva com ele sua característica básica: a exigência da exclusividade” (LINS, 2018, n.p.).

³Nesse sentido, é importante observar romances como *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo (1944), *Diva* (1864) e *Senhora* (1875), de José de Alencar, que permitem o final feliz aos seus protagonistas, desde que oriundos da mesma classe social burguesa. Sobre os romances de Joaquim Manuel de Macedo, D’Incao argumenta que são eles que “irão introduzir a aprendizagem do amor romântico no Brasil, na então juventude de classe e especialmente nas donzelas” (D’INCAO, 1992, p. 58-9).

⁴É importante frisar que o livro que traz o artigo da autora “Descasamento: a falência de um ideal”, foi publicado há quase 30 anos, em 1992. Nesse período de tempo, ocorreram grandes transformações em relação à expressão do amor e da sexualidade.

Ao buscar uma compreensão mais aguda das relações afetivas na época atual, denominada por ele de época “líquido-moderna”, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) cunhou o termo “amor líquido”, em sua emblemática obra, publicada em (2004), que se contrapõe ao ideal de amor romântico. Para ele, o ser humano, na contemporaneidade, torna-se envolto em uma série de conflitos afetivos internos (um vínculo forte que se contrapõe e se dissolve), já que a maioria dos relacionamentos não são duradouros e, muitas vezes, se assemelham ao princípio dos bens de consumo: “obsoletos” e fáceis de serem descartados ao depender do nível de satisfação que oferecem. Nas palavras do autor:

hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperamos obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias. E, se satisfazem, o preço disso tem sido com frequência considerado excessivo e inaceitável. (BAUMAN, 2004, p.6).

De acordo com as considerações de Bauman (2004) a respeito das relações contemporâneas, pode-se inferir que a humanidade busca a todo custo “relacionar-se”, mesmo compreendendo que esses vínculos podem ser “liquefeitos” rapidamente. Diante disso, a busca pela presença do outro torna-se uma tentativa de suprir anseios e inseguranças que permeiam uma sociedade marcada pelo extremo individualismo.

É nesse sentido que a internet, por ser uma forma prática e rápida de “relacionar-se”, promove a seus usuários a agilidade e a comodidade de excluir ou romper laços com parceiros “indesejados”, o que certamente facilita a “fluidez” dos relacionamentos, deixando-os maleáveis e “transparentes”, além de uma representação da “satisfação” plena. Como já mencionado, essa condição afetiva trata-se de uma busca incessante nesses “tempos líquidos”, tal qual afirma Bauman:

Elas são “relações virtuais”. Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com “compromisso” muito menos dos compromissos de longo prazo), elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa”. Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. (BAUMAN, 2004, p.8).

Contudo, este não pertencimento, uma espécie de conexão superficial que não agrega nenhum sentimento profundo em relação ao outro fora das telas de computadores e celulares, seria realmente uma boa escolha ou um apenas um indício de uma relação fadada ao abandono? Uma pergunta pertinente, que pode-se ser discutida a partir do romance *A Condição indestrutível de ter sido*, de Helena Terra, publicado em 2013, além de como o meio virtual se tornar propício à prática da violência simbólica.

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA ATRAVÉS DE UM CENÁRIO CIBERNÉTICO NO ROMANCE A CONDIÇÃO INDESTRUTÍVEL DE TER SIDO

A exemplo de muitas escritoras elencadas por Zolin (2019), em sua pesquisa acerca da ficção de autoria feminina do século XXI, a gaúcha Helena Terra pertence a uma elite intelectual, pois é jornalista, escritora, ilustradora e artista plástica. Em *A condição indestrutível de ter sido*, que marca sua estreia na narrativa longa, a autora tece a trajetória da protagonista que é caracterizada como uma “menina represa”, já que apresenta dificuldades em lidar com os seus sentimentos de maneira plena. Devido a isso, a personagem feminina descobre no *blog* coletivo uma maneira de expandir seus horizontes existenciais, além da possibilidade de estabelecer conexões com outros internautas, pois a comunicação fora das redes virtuais era um desafio para ela. Contudo, os limites entre o “real” e o virtual tornam-se uma linha tênue, na medida em que a mesma conhece o Mauro (Mau), por meio do *blog*, um homem que se encobre de mistérios, como se o nome dele já anunciasse uma negatividade inerente, o que certamente torna a relação de ambos envolvente, mas conflituosa. Com o passar do tempo, ao adentrar neste relacionamento cibernético, a protagonista se depara com o sofrimento do abandono e com a imposição e a violência de seu amante: Mauro utiliza a violência simbólica a fim de suprimir e invalidar o discurso e a sanidade mental da protagonista. A personagem, ao final da narrativa, desmistifica o ideal romântico ao passo que compreende a não reciprocidade da parte de seu amado, além de ser forçada a lidar novamente com a dor do abandono.

Desse modo, logo ao início, é marcado o silenciamento e a repressão de seus sentimentos, visto que a mesma é caracterizada como “[...] uma criatura sem grandes planos e atitudes, dócil apesar de silenciosa e avessa a lágrimas” (TERRA, 2013, p.12). Essa condição silenciosa e passiva da personagem feminina corrobora para que ela seja seduzida pelo imaginário de um amante virtual e se submeta a uma relação instável e não recíproca.

Todavia, esse condicionamento psicológico e social da protagonista não é inteiramente responsável pelo seu desacerto amoroso, mas sim a própria concepção do ambiente do ambiente cibernético como um lugar seguro e inofensivo; como evidencia o seguinte excerto: “Como se tratava de internet e ela parecia inofensiva, não hesitei em deixar que Mauro participasse. Por que negar o acesso?” (TERRA, 2013, p.15). Dessa forma, permitir acesso nas mídias sociais significa assumir os riscos que essa concessão possa trazer, pois nem sempre os “usuários” desse veículo de comunicação são confiáveis, já que existem muitos perfis falsos. Além disso, quando se cria um perfil virtual, expõe-se apenas a parte mais “conveniente” que se deseja mostrar a todos. Assim sendo, mais um indício no romance de que este meio cibernético comumente não corresponde à totalidade do outro é quando a protagonista se questiona a respeito da internet e sua opacidade em relação ao mundo “real”:

A internet não poderia ser um simulacro, ela deveria ser um instrumento positivo e ser reflexo e não um flash de cada um. Fosse com felicidade ou sem, deveria fazer sentido e permitir que nós oferecêssemos o que um homem e uma mulher devem compartilhar (TERRA, 2013, p.74).

Ademais, a personagem feminina, ao ser seduzida pelo ideal de confiabilidade das redes virtuais, não percebe que está envolta em uma relação “líquida” – nos termos de Bauman (2004) – e marcada pela submissão: “A linha divisória entre o mundo real e a internet arrebentara-se diante do meu entusiasmo e dos meus sentimentos intensos” (TERRA, 2013, p.62). Desse modo, a mesma não consegue delimitar o que faz parte do universo virtual e o que não faz, assim se expõem no cenário virtual exibindo a sua totalidade, deixando transparecer sentimentos, inseguranças e percepções próprias constituídas nas trocas e interações do ambiente não cibernético; tornado-se um “contato” desejável dentre os outros, pois é fácil iniciar uma relação virtual quando um dos lados se exhibe tal qual realmente é. Todavia, nem todos expõem os perfis reais, mas uma idealização daquilo que a maioria dos internautas buscam em um parceiro como, por exemplo, Mauro é um homem que posta poemas de *Baudelaire* (no *blog* coletivo) para construir uma imagem de cavalheiro romântico, no intuito de esconder e despistar a sua verdadeira personalidade de *Dom Juan*, já que era casado e também tinha contato com outras integrantes do *blog*, além da protagonista.

Nos domínios das redes sociais, as opiniões e sentimentos sofrem ainda mais com juízos de valor, o que implica em posicionamentos diversos e brechas para que discursos autoritaristas e violentos se disseminem rapidamente; no caso da violência simbólica, ainda

pouco conhecida e debatida, a maioria das vítimas desconhecem que estão vivenciando este tipo de violência e, por consequência, não procuram ajuda para lidar com a situação. Na narrativa, podemos observar que a protagonista, por vezes, é manipulada, desprestigiada pelo amante; no entanto, não é capaz de perceber que isto está acontecendo e nem como sair deste estado de cerceamento. Estes discursos que propagam a violência simbólica são difíceis de serem combatidos no cenário virtual, pois a vítima tende a acreditar que se trata de uma demonstração de “cuidado” e os que exercem esse tipo de violência se aproveitam da parcialidade de seus perfis para “enganar” e “ludibriar” por meio de expressões como “eu te amo”, “querida” e falsas promessas como abandonar outros relacionamentos para permanecer ao lado dos parceiros virtuais.

Como um ambiente que, a princípio, poderia servir como meio de união para pessoas de diferentes lugares e condições sociais, dissolvendo ainda mais as fronteiras e limites nesse mundo globalizado, as redes sociais têm se tornado, nos últimos anos, um espaço caótico marcado por difamações, xingamentos de toda espécie, cancelamentos de pessoas e outros tipos de violência inerentes a essa época tão complexa. Com efeito, um conceito que merece reflexão é o de “violência simbólica”, desenvolvido pelo intelectual francês Pierre Bourdieu.

Para o sociólogo francês, as discussões e estudos a respeito da “violência simbólica” imposta às mulheres desvelam que, não raras vezes, os diversos tipos de violência são invisíveis às próprias vítimas. De acordo com esse autor, essa “violência simbólica” passa pela discussão das relações entre o “simbólico” e o “real”. Para ele,

Ao entender ‘simbólico’ como o oposto de real, de efeito, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente ‘espiritual’ e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a *objetividade da experiência subjetiva as relações de dominação*. (BOURDIEU, 2015, p.46 [grifos nossos]).

Segundo Bourdieu (2015), a visão de *violência simbólica* como algo substancial, que não ocasiona danos, necessita ser desconstruída, ao passo que o mesmo a reformula a fim de postular a observação e reflexão sobre “a objetividade da experiência subjetiva as relações de dominação”, ou seja, a grosso modo, uma nova forma de caracterizar as violências deste tipo, tal como um olhar mais objetivo que compreende que estas são nocivas e reais para com as suas vítimas. A partir disto, pode-se compreender que as “relações de dominação” permeiam

também a sociedade contemporânea, pois, como o próprio autor menciona, estas são historicamente construídas. Postulado isto, no romance *A Condição indestrutível de ter sido*, pode-se observar algumas situações que remetem à violência simbólica, mais especificamente à violência denominada de *Gaslighting*, que é definida por Silva (2019) como:

[Essa] é uma espécie de jogo de manipulação mental no qual o ‘equilíbrio mental’ da mulher é colocado em questão a fim de interditar sua fala. Dito de outro modo, se trata de uma forma de abuso em que a mulher é ‘taxada de louca’, simplesmente por ser mulher [...] Nas situações contemporâneas, a expressão *Gaslighting* veio para dar nome às manipulações que um homem faz para fazer uma mulher ‘passar por louca’, por ‘desequilibrada’, a fim de fazer com que os depoimentos e/ou opiniões dessa mulher sejam completamente desconsiderados como válidos ou de alguma importância. (SILVA, 2019, p. 28-29).

Por conseguinte, na narrativa é possível identificar diversas cenas em que a protagonista vivencia a *Gaslighting*⁵, como no seguinte desabafo, após a protagonista descobrir que Mauro estava se relacionando com outras integrantes do *blog* coletivo, a mesma o indaga a respeito de uma possível traição e ele nega e tenta contornar a situação na medida em que questiona e manipula fatos a respeito da faculdade mental da personagem: “Mauro, era esse o ponto. Eu estava distorcendo os fatos e, se continuasse, adoeceria” (TERRA, 2013, p.72). Nesse fragmento, pode-se observar que o amante (Mauro) tenta invalidar o discurso dela, usando a justificativa que se ela “continuasse, adoeceria”; uma característica marcante desse tipo de *violência simbólica* que consiste na desapropriação da fala da mulher e no questionamento de sua sanidade mental.

Ademais, evidencia-se ainda, em outro trecho do livro, estes aspectos de *Gaslighting*, na confissão da personagem em: “[...] ele me rebaixava à categoria dos adjetivos difíceis de ouvir: implicante, descontrolada, invejosa, imatura, burguesa e, acima de tudo, demente e má. Mau era bom, eu era má, ele afirmava.” (TERRA, 2013, p.73). Diante disso, novamente a personagem feminina é descrita de forma pejorativa, já que o seu parceiro utiliza “adjetivos” para desqualificá-la, impondo assim a sua perspectiva “dominante” sobre ela, uma vez que seu discurso prevalece: “ele afirmava”, fazendo com que a mesma torne-se submissa e, mais uma vez, objeto de indagação quanto a sua sanidade e sua boa índole.

⁵Essa violência que se caracteriza pela manipulação mental das mulheres por parte de homens dominadores e opressivos, tem sua denominação relacionada ao filme de suspense e mistério da era de ouro de Hollywood *Gaslighting* (traduzido no Brasil como *À meia Luz*), dirigido por George Cukor, em 1944. No filme, a personagem Paula Alquist, interpretada pela célebre atriz Ingrid Bergman, é oprimida pelo marido Gregory, que tenta convencê-la de sua insanidade mental, com o objetivo de tomar posse jurídica de seus bens.

Assim sendo, esse tipo de *violência simbólica* correntemente é taxada pelo senso comum como sutil e inofensiva e, não raras vezes, aparece camuflada como “cuidado” e “proteção”, o que corrobora para que a mesma continue arraigada na sociedade. Dessa forma, é “naturalizada”, tanto por aqueles que exercem a força de dominação como por aqueles que ocupam o papel de “dominados”, tal qual afirma Bourdieu: “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 2015, p.46).

Esse sentimento de culpa que a protagonista sente ao compreender que sua relação está “liquefeita”, também pode ser considerado um efeito da *Gaslighting*, pois seu parceiro usa de manipulações emocionais a ponto de ela se sentir resignada, como na seguinte passagem: “O vocabulário de Mauro era claro. Sua sintaxe, perfeita. Imperfeita era a minha leitura” (TERRA, 2013, p.76). Outrossim, a linguagem empregada no romance é de cunho poético e sensível, ao mesmo tempo apresenta um estilo voltado ao campo semântico das mídias sociais e da internet, como se observa na seguinte passagem:

Em regra, o sistema funcionava tanto do ponto de vista prático quanto abstrato. Convivência entre pessoas que não se conheciam, com raras exceções, corria pacífica, induzindo-me a confiar no meu teclado e a tratar com delicadeza os convidados: os seres invisíveis que viviam atrás de outros monitores e que apareciam na tela em uma caligrafia computadorizada. [...] E eu me senti o último endereço do mundo, a pasta restante da internet. Meu monitor e eu ficamos a nos encarar. O branco do monitor em meus olhos, o branco dos meus olhos no infinito da blogosfera (TERRA, 2013, p. 11-27).

A violência simbólica sofrida pela personagem evidencia a fragilidade da relação construída em meios digitais e expõe a sua dolorosa condição quando se vê fadada ao abandono pelo amante. A protagonista do romance, ao adentrar em uma relação virtual, expõe-se a um mundo incerto e rápido das redes sociais. Diante disso, o pressuposto de durabilidade e estabilidade dos relacionamentos parecem não funcionar neste espaço cibernético, o que torna o término algo “simples” e menos desastroso do que fora desse campo, tal qual postula Bauman:

Terminar quando se deseje — instantaneamente, sem confusão, sem avaliação de perdas e sem remorsos — é a principal vantagem do namoro pela internet. Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis. E o namoro pela internet, ao contrário da incômoda negociação de compromissos mútuos, se ajusta perfeitamente (ou quase) aos novos padrões de escolha racional (BAUMAN, 2004, p.40).

Ao ser abandonada pela primeira vez, a personagem feminina tenta recomeçar a vida e opta por uma viagem: “não tive opção a não ser me calar, comprar uma passagem e sair de férias” (TERRA, 2013, p.31). Todavia, ela se reconcilia com seu parceiro e continua a mandar mensagens para ele. Na maioria dessas conversas, o mesmo não a chamava pelo nome, mas utilizava a palavra “querida”, assim demonstrando a falta de comprometimento para com ela: “Meu nome, para ele, deveria ser ficção. Pouco importava a ele o meu nome” (TERRA, 2013, p.53).

Outro indício dessa relação fluida e destinada ao esfacelamento é a procura pela satisfação momentânea, conceito que Bauman (2004) tece para configurar e descrever a sociedade contemporânea. Logo, a protagonista envia fotos sensuais para seu amante, que entende como uma oportunidade para suprir suas necessidades sexuais sem compromisso, tal qual: “Quero mais fotos! E quero te ver! Vamos marcar um encontro? Eu te amo” (TERRA, 2013, p.54).

Além disso, essa busca pelo novo e pela satisfação momentânea se mantém nas atitudes desse amante, a partir do momento que ele sente que precisa “renovar” seus desejos e possibilidades, deixa de lado a protagonista e embarca em outras relações virtuais:

[...] implementando silêncios e novas formas nos comentários dele, cada vez, menores para mim, e transformados em diálogos quando entre ele e elas, diálogos dúbios, carregados de vírgulas, de três pontinhos e de pingos de is a serem colhidos não sei por quem (TERRA, 2013, p.69).

Segundo Bauman (2004), esse tipo de relação pressupõe uma fluidez de vínculos que mantém a pessoa presa a um relacionamento “inexistente”, ao passo que o parceiro fica livre para transitar por outras relações. Dessa forma, o conhecimento partilhado de que “os relacionamentos são “puros” (ou seja, frágeis, físsiparos, tendentes a não durar mais do que a conveniência que trazem, e portanto sempre “até segunda ordem”) dificilmente seria um solo em que a confiança pudesse fincar raízes e florescer” (BAUMAN, 2004, p.52).

Portanto, a partir do que Bauman reflete sobre os relacionamentos “líquidos” e a impossibilidade de efetiva realização amorosa nesse tipo de relação, é possível afirmar que, vítima de violência simbólica, a protagonista, ao longo do romance, permanece presa a um amor virtual, enquanto seu parceiro é livre para retornar ao relacionamento e abandoná-la novamente. Somente quando se depara com o segundo abandono, ela acaba por desmistificar

o ideal do amor romântico, já que este amor que ela tanto almejou não a satisfaz por completo, tanto em relação a questões existenciais quanto a respeito da constituição familiar que a mesma deseja estabelecer com Mauro, como elucida o seguinte segmento:

Habitadas a uma casa vazia, laminavam-se às minhas retinas em confronto com uma família. Mauro seria a minha, os filhos dele, os meus. A minha vida não deixaria de me pertencer, não se esconderia mais de mim, nada se esconderia, tampouco o desespero, crescendo e crescendo em meu peito, pulsando do ventre à medida que esvaziavam-se as esteiras, as portas automáticas se abriam e Mauro não aparecia (TERRA, 2013, p.78).

Além disso, a protagonista compreende que aquela perspectiva de amor “perfeito” e recíproco, universo onde tudo é romantizado, até mesmo as ofensas, tende a proporcionar ao abandono e ao sofrimento: “Eu era um adeus espatifado e constrangedor. Eu era uma mulher invisível e explícita a indiferença do mundo [...]” (TERRA, 2013, p.78). A protagonista experimenta a dor do abandono e desconstrói o ideal de passividade diante desse sentimento, como no trecho: “precisava desesperadamente de um abraço que me autorizasse a gritar o quanto doía a *indestrutível condição de ter sido* por alguém um amor perdido” (TERRA, 2013, p.79 [grifo nosso]).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os estudos de Zolin (2019), a literatura de autoria feminina está conseguindo galgar espaço entre as obras canônicas, além de receber um maior reconhecimento e valorização. Contudo, atualmente o cânone literário ainda é composto, em sua maioria, por homens, assim como eles ainda são maioria nas publicações de grandes editoras. Por isso, torna-se imprescindível a necessidade de disseminar obras de autoria feminina por meio de estudos acadêmicos, já que existe uma amplitude de *corpus* para pesquisa nesta área como, por exemplo, o romance *A Condição indestrutível de ter sido* (2013), o qual, conforme já mencionado, aborda a “fluidez” dos relacionamentos contemporâneos, além da submissão e do abandono que assolam a protagonista ao longo da narrativa.

Helena Terra, uma escritora muito versátil e lírica, utiliza no romance uma linguagem repleta de metáforas, a fim de desvelar a condição feminina no mundo contemporâneo, ainda marcada pela carência afetiva e pela busca de relações amorosas sólidas. Nesse sentido, tece uma trama intensa e arrebatadora, ao passo que a personagem feminina se deixa envolver por um avassalador amor virtual. Todavia, em contraponto ao desejo da protagonista, esse

relacionamento virtual é vedado de qualquer estabilidade e reciprocidade da parte deste amante. Ainda assim, a protagonista fica presa a essa paixão, e não consegue enxergar os efeitos danosos provenientes desse sentimento. Dessa maneira, se torna vítima de *violência simbólica*, uma forma sutil de cerceamento; e submissa a ponto de julgar que seu amado tinha razão em tudo que dizia contra ela e que ela era culpada de todos os desacertos do relacionamento: “Ele estava certo” (*Gaslighting*).

A protagonista, busca no mundo cibernético uma forma de preencher os anseios e condicionamentos sociais aos quais foi exposta durante toda a vida: “Cedo, ouvi que chorar afetaria o meu senso de realidade e me humilharia” (TERRA, 2013, p.12). Assim sendo, a personagem toma para si todas as suas dores e não consegue relacionar-se com os demais sem reprimir a sua “voz”, às suas reais vontades.

Em suma, Terra concebe uma narrativa crítica, com temáticas atuais que dialogam com as mazelas do mundo pós-moderno, entre elas: a “liquidez” das relações afetivas, a repressão dos sentimentos e o universo da internet e seus internautas. Diante disso, ressalta e cria visibilidade aos dramas femininos contemporâneos, contribuindo para a disseminação de obras de autoria feminina na seara literária.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2004.
- BLOOM, H. Uma elegia para o cânone. In: *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- CEVASCO, M. E. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem. 2009. p. 319-325.
- D’INCAO, M. A. O amor e a separação. In: PORCHAT, I. (org.). *Amor, casamento, separação: a falência de um mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992. p. 55-71.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2011.

LINS, R. N. A maior propaganda do ocidente não é a coca-cola, é o amor romântico. Entrevista à Eliana de Castro. *Fausto*. 04 jun. 2018. Disponível em: <https://faustomag.com/regina-navarro-lins-a-maior-propaganda-do-ocidente-nao-e-a-coca-cola-e-o-amor-romantico/>, Acesso em: 10 fev. 2021.

MUSZKAT, M. Descasamento: a falência de um ideal. In: PORCHAT, I. (org.). *Amor, casamento, separação: a falência de um mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992. p. 85-102.

REIS, R. "Cânon" In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ROUGEMONT, D. *História do amor no ocidente*. Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003.

SILVA, J. M. *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*. Recife: Independently published. 2019.

TERRA, H. *A condição indestrutível de ter sido*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

ZOLIN, L. O. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019.

Recebido em 10 de junho 2021.

Aprovado em 26 de julho de 2021.

